

formas dos  
futuros ao redor

*forms of the  
surrounding futures*



Curadoria Curated by  
João Laia

formas dos  
futuros ao redor

*forms of the  
surrounding futures*

15.06–15.09.2024



“Sem um Outro, a possibilidade enquanto categoria desaparece; o mundo colapsa, reduzido à mera superfície do imediato.”<sup>1</sup>  
Eduardo Viveiros de Castro

“Não somos simples testemunhas do que acontece. Somos os corpos através dos quais a mutação vem para ficar. A questão já não é quem somos, mas no que nos vamos tornar.”<sup>2</sup>  
Paul B. Preciado

“A forma de lidar com assimetrias e os violentos frenesins que marcam o presente é não esquecer o futuro. O aqui e o agora simplesmente não chegam. Queer deve e pode ser sobre o desejo de uma outra forma de estar simultaneamente no mundo e no tempo, um desejo que resiste a ordens para aceitar aquilo que simplesmente não é suficiente.”<sup>3</sup>  
José Esteban Muñoz

Habitamos um período de abrupta mudança. Processos distintos e, no entanto, codependentes em áreas como ecologia, economia, saúde e tecnologia circundam o mundo numa sucessão acelerada de alterações que se intersejam com fricções crescentes relacionadas com pertenças étnicas, de género, nacionais e religiosas.

Apesar desta confluência, traduzida no mútuo envolvimento e alcance planetário destes múltiplos processos, o mundo não está unificado em condições idênticas. Definido pela teórica feminista Rosi Braidotti como uma articulação tecnologicamente mediada com o “continuum natureza-cultura do nosso meio terrestre”<sup>4</sup>, a composição interligada da vida na Terra também inclui diferenças entre os humanos relacionadas com a localização geográfica e acesso a direitos sociais e jurídicos, cuidados de saúde, tecnologia, segurança

e prosperidade. Na verdade, acumulada historicamente por processos de domínio e exclusão, a desigualdade aumentou em todo o mundo, embora — e dependendo da sua filiação contextual — cada ator sinta o impacto destas crescentes assimetrias de forma diferente. Nas palavras de Braidotti: “Os Outros sexualizados (não-binários, mulheres, LGBT-QI+); os Outros racializados (não-europeus, indígenas); e os Outros naturalizados (animais, plantas, a Terra)”<sup>5</sup> têm estado permanentemente, ao longo de toda a história, mais próximos de qualquer crise.

A magnitude de uma tal convergência transformadora é experienciada como não tendo um fim à vista e foi recentemente definida como “permacrise”<sup>6</sup>. Franco “Bifo” Berardi, filósofo e ativista italiano, defende que o paradigma dominante atual não oferece alternativas, contribuindo para a predeterminação do futuro<sup>7</sup>. “Bifo” aponta para a função política de manter perspectivas abertas sobre o que está para vir: a sua limitação ou apreensão perpetua o *status quo* e as concepções e estruturas que governam o mundo. Esta não é a primeira vez que o futuro foi aparentemente suprimido. Enquanto parte de uma vasta tendência dos anos 1950 conhecida como pessimismo nuclear, o teórico e político belga Hendrik de Man cunhou o termo “pós-história” para descrever a aniquilação da capacidade humana de ação após os bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki. Depois do colapso da União Soviética, o economista e especialista em ciências políticas estado-unidense Francis Fukuyama declarou “o fim da história”, definindo a universalização da democracia liberal como a forma derradeira de governação humana. No cânone da história ocidental, parece emergir um padrão segundo o qual períodos de mudança profunda correspondem a uma incapacidade de imaginar múltiplas configurações para o amanhã.

Um tal estado de coisas é descrito pelo filósofo Paul B. Preciado como uma forma de disforia: “Não vemos nem entendemos o mundo, percecionamo-lo destruindo-o através das estreitas categorias que nos habitam. A dor que muitas

vezes sentimos quando estamos vivos é a dor dessa negação do mundo e do seu significado.”<sup>8</sup>

No entanto, este não é o único cenário possível. Os antropólogos brasileiros Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, figuras de referência das formas de conhecimento não-ocidentais, incitam-nos a ler o momento atual não como uma crise permanente, mas como o ponto de inversão de uma transição iminente e radical na experiência histórica. Para esse fim, defendem que deveríamos juntar-nos ao “esforço colossal da imaginação contemporânea para produzir um pensamento e uma mitologia adequados aos nossos tempos.”<sup>9</sup> Na mesma linha de “Bifo” Berardi, Danowski e Viveiros de Castro apontam para a urgência de rejeitar os paradigmas correntes; mas enquanto o primeiro se centra numa crítica através de análise e desconstrução, os últimos convidam-nos a substituir os pontos de vista ocidentais por perspectivas amazónicas. As cosmologias holísticas indígenas visualizam o planeta como uma coletividade interligada onde os humanos são um dos atores numa rede de vários agentes.

Opor-se à divisão humanidade/natureza que foi durante séculos o alicerce do pensamento patriarcal ocidental é uma atitude faz desabar as hierarquias do poder e promove uma existência baseada em dependência recíproca e colaboração. Como demonstram numerosos casos<sup>10</sup>, as Primeiras Nações e povos Indígenas têm um papel decisivo no combate à lógica extrativa voraz que ameaça a existência de vida na Terra.

Ao longo da história, e nomeadamente durante os séculos XX e XXI, as atividades cruciais de vozes feministas, racializadas e LGBTQI+ têm tido uma importância sem paralelo no desmantelamento de estruturas de desigualdade de longa data, apresentando-se como uma inspiração de cenários alternativos. São inúmeros os exemplos. A campanha de direitos civis dos anos 1950 e 60, com os gestos simbólicos de resistência de Claudette Colvin e Rosa Parks contra a segregação institucionalizada ou a liderança de Martin Luther

King Jr. — o seu legado inspirador prossegue hoje no movimento #blacklivesmatter. Do mesmo modo, o movimento de libertação das mulheres dos anos 1960 e 70, que procurou conquistar direitos e oportunidades iguais, encontra hoje eco na emergência do movimento #MeToo.

Liderada pela ativista afro-americana pelos direitos trans Marsha P. Johnson, a Revolta de Stonewall de 1969 e o papel dos ativistas pelos direitos das pessoas com SIDA dos anos 1980 e 90 fizeram avançar os direitos das comunidades LGBTQI+, uma exigência que prossegue com a reivindicação do reconhecimento das identidades trans e não-binárias. Nestes e noutros casos, a mudança surge regularmente por meio das lutas dos oprimidos: os “outros” de Braidotti têm uma proximidade imposta a situações críticas que os coloca na linha da frente da contestação social. O seu objetivo de desmantelar as estruturas dominantes acarreta consigo uma luta intersectorial por formas de existência igualitárias e não-conformes, uma existência que faz eco dos sistemas vivos codependentes e vinculados do nosso planeta. Como afirma a académica Sarah Ensor: “Aquilo que Timothy Morton chamou ‘intimidade politizada com outros seres’ e que constitui as relações ecológicas contemporâneas” manifesta-se como uma “ética ambiental que reconhece até que ponto esta vinculação ecológica se parece à relação queer no ‘cruising’ muito mais do que a quaisquer outros paradigmas relacionais (mais normativos)”<sup>11</sup>.

Forjando uma aliança de outros, *formas dos futuros ao redor* aborda necessidades urgentes partilhadas, celebrando narrativas plurais para o amanhã. Alia-se ao que Preciado identifica como “os processos de transição que estão a acontecer desde o subjetivo até à escala planetária”, mapeando “um processo de mutação planetária em curso, uma cartografia móvel, um esboço de uma série de micromutações”<sup>12</sup>. Subscreeve a leitura da geógrafa Natalie Oswin da investigação de Kath Browne, segundo a qual queer propõe um desafio à norma ao “operar além dos poderes e controlos que impõem a normatividade”, provocando “maneiras radicais



de (re)pensar, (re)desenhar, (re)conceptualizar, (re)mapeamentos esses que poderiam (re)fazer corpos, espaços e geografias”<sup>13</sup>. Através desta noção expandida, queer revela-se como uma posição emancipatória e coletiva, abraçando os outros racializados, sexualizados e naturalizados numa afinidade não-normativa que torna visíveis as características impostas do presente e a emergência de múltiplos futuros. Materializa a formulação dos teóricos sociais e culturais Lauren Berlant e Michael Warner de “um projeto de construção do mundo, onde ‘mundo’, assim como ‘público’, difere de comunidade ou grupo porque inclui necessariamente mais pessoas do que as que podem ser identificadas, mais espaços do que aqueles que podem ser mapeados para além de uns quantos pontos de referência, modelos de sentir que podem ser aprendidos em vez de experienciados como um direito inato.”<sup>14</sup>

Concebendo momentos compartilhados de alteração e distanciamento, *formas dos futuros ao redor* contorna abordagens especulativas à futuridade para olhar para alternativas já existentes de estarmos juntos no mundo. Projeta uma postura relacional queer contrária às dinâmicas essencialistas, extrativas e opressivas que têm dominado a nossa conjuntura histórica. O bloqueio do possível pelo atual paradigma “sem alternativa” é substituído pela possibilidade de uma “imaginação radical” que representa “a ideia de que as coisas poderiam ser diferentes e de que poderíamos viver a vida de outro modo”<sup>15</sup>. Utiliza estratégias semelhantes às do teatro e da cenografia para estranhar e seduzir, propondo formas cognitivas, emocionais e sensuais de envolvimento. As suas características performativas substituem formas mediadas de conectividade por experimentação comunitária imersiva, projetando instâncias de possibilidade em que formações sociais podem emergir. Nas palavras de José Esteban Muñoz: “Queer, se quer ter ressonância política, tem de ser mais do que um marcador identitário e articular uma futuridade intrépida.”<sup>16</sup> Examinando o agora, *formas dos futuros ao redor*

têm como objetivo questionar compreensões hegemônicas da sociedade, dando poder e disseminando narrativas que celebram a nossa capacidade coletiva de imaginar e ensaiar mundos futuros.

## JOÃO LAIA

Curador da 12ª Bienal Internacional de Arte  
Contemporânea de Gotemburgo 2023

- 1 Eduardo Viveiros de Castro, *The Relative Native: Essays on Indigenous Conceptual Worlds* (Chicago: Hau Books, 2015), 10.
- 2 Paul B. Preciado, *Dysphoria Mundi: El Sonido del Mundo Derrumbándose* (Barcelona: Anagrama, 2022), 38.
- 3 José Esteban Muñoz, *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity* (Nova Iorque: New York University Press, 2009), 96.
- 4 Rosi Braidotti, 'We'Are in This Together, But We Are Not One and the Same, *Bioethical Inquiry* 17, n.º 4 (2020): 467.
- 5 Ibid., 466.
- 6 Harriet Sherwood, 'Sums up 2022': Permacrisis chosen as Collins word of the year, *The Guardian*, 1 nov. 2022: <https://www.theguardian.com/culture/2022/nov/01/sums-up-2022-permacrisis-chosen-as-collins-word-of-the-year>
- 7 Franço 'Bifo' Berardi, *Futurability: The Age of Impotence and the Horizon of Possibility* (Londres e Nova Iorque: Verso, 2019), 13.
- 8 Preciado, 19.
- 9 Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, *The Ends of the World* (Cambridge: Polity Press, 2017), 113.
- 10 Vejam-se os protestos "Stop Line 3", a oposição à pipeline das chamadas Primeiras Nações no Canadá e nos Estados Unidos; a proteção da Amazônia liderada por comunidades indígenas; os vários casos de mineração em locais sagrados aborígenes na Austrália; ou a resistência dos pastores de renas sami à planeação ferroviária no Ártico, entre outros.
- 11 Sarah Ensor, *Queer Fallout: Samuel R. Delany and the Ecology of Cruising*, *Environmental Humanities* 9, n.º 1 (2017): 151
- 12 Preciado, 30–31.
- 13 Natalie Oswin, *Critical Geographies and the Uses Of Sexuality: Deconstructing Queer Space*, *Progress in Human Geography* 32, n.º 1 (2008): 92.
- 14 Lauren Berlant e Michael Warner, *Sex in Public*, *Critical Inquiry* 24, n.º 2 (1998): 558.
- 15 Max Haiven, *Crises of Imagination, Crises of Power: Capitalism, Creativity, and the Commons* (Londres e Nova Iorque: Zed Books, 2014), 18, 218.
- 16 Muñoz, 87.

“Without an Other the category of possibility disappears; the world collapses, reduced to the pure surface of the immediate.”<sup>1</sup>

Eduardo Viveiros de Castro

“We are not simple witnesses of what happens. We are the bodies through which the mutation comes to stay. The question is no longer who we are, but what we are going to become.”<sup>2</sup>

Paul B. Preciado

“The way to deal with asymmetries and violent frenzies that mark the present is not to forget the future. The here and now is simply not enough. Queerness should and could be about a desire for another way of being in both the world and time, a desire that resists mandates to accept that which is not enough.”<sup>3</sup>

José Esteban Muñoz

We are inhabiting a period of abrupt change. Distinct yet co-dependent processes in areas such as ecology, economy, health and technology encircle the world in an accelerated succession of shifts which intersect with growing frictions related to ethnic, gender, national or religious belongings.

Despite this confluence, translated in the mutual implication and planetary reach of such manifold processes, the world is not unified under identical conditions. Defined by feminist theorist Rosi Braidotti as a technologically mediated interlinking with the “nature-culture continuum of our terrestrial milieu,”<sup>4</sup> the webbed composition of life on Earth also includes differences regarding human geographical location and access to social and legal rights, healthcare, technologies, security and prosperity. In fact, accrued historically through processes of domination and exclusion, inequality has risen around the world, although —

and depending on their contextual inscription — each actor perceives the impacts of these growing asymmetries differently. In Braidotti's words: "The sexualized others (non-binary, women, LGBTQI+); the racialized others (non-Europeans, indigenous); and the naturalized others (animals, plants, the Earth)"<sup>5</sup> have permanently throughout history been closer to any given crisis.

The magnitude of such transformative convergence is experienced as having no foreseeable ending and was recently defined as "permacrisis."<sup>6</sup> Italian activist and philosopher Franco 'Bifo' Berardi argues that today's dominant paradigm offers no alternatives, contributing to the pre-determination of the future.<sup>7</sup> 'Bifo' signals the political function of upholding open perspectives about what is to come: its limitation or seizure perpetuates the status quo and the conceptions and structures that rule the world. This is not the first time the future has been seemingly cancelled. As part of a wider 1950s trend known as nuclear pessimism, Belgian theorist and politician Hendrik de Man coined the term "posthistoire" to describe the annihilation of human agency following the bombings of Hiroshima and Nagasaki. After the collapse of the USSR, US economist and political scientist Francis Fukuyama declared "the end of history," defining the universalization of liberal democracy as the ultimate form of human government. In the canon of western history, a pattern seems to emerge whereby periods of profound change correlate with a failure to imagine multiple configurations for tomorrow.

Such state of things is described by philosopher Paul B. Preciado as a form of dysphoria: "We do not see or understand the world, we perceive it by destroying it through the narrow categories that inhabit us. The pain that we often feel when we are alive is the pain of this denial of the world and its meaning."<sup>8</sup>

However, this is not the only prospect available. Brazilian anthropologists Déborah Danowski and Eduardo Viveiros de Castro, leading voices of non-western forms of knowledge,

urge us to read the current moment not as a permanent crisis, but as the tipping point of an imminent and radical transition in historical experience. To that end, they argue we ought to embark on “the colossal effort of contemporary imagination to produce a thought and a mythology that are adequate to our times.”<sup>9</sup> Similarly to ‘Bifo’, Danowski and Viveiros de Castro flag the urgency of rejecting current paradigms, but whereas the former focuses on a critique via analysis and deconstruction, the latter invite us to replace western viewpoints with Amazonian perspectives. Indigenous holistic cosmologies envision the planet as an interlinked collectivity where humans are but one actor in a web of various agents.

By opposing the human-nature divide which for centuries has grounded western patriarchal thinking, this stance collapses hierarchies of power and promotes an existence based on mutual dependence and collaboration. As numerous cases illustrate,<sup>10</sup> First Nations and Indigenous people have a leading role in combating the voracious extractive logic that endangers the existence of life on Earth.

Throughout history, and namely during the twentieth and twenty-first centuries, the crucial activities of feminist, LGBTQI+ and racialised voices have had an unparalleled role in dismantling longstanding structures of inequality, manifesting as beacons of alternative scenarios. Examples are plentiful. The civil rights campaign of the 1950s and 1960s, with Claudette Colvin and Rosa Parks’ iconic gestures of resistance against institutionalized segregation, or the leadership of Martin Luther King Jr. – their legacy inspiring today’s #blacklivesmatter. Similarly, the women’s liberation movement of the 1960s and 1970s, which sought equal rights and opportunities, was revived with the emergence of #MeToo.

Led by the African American trans activist Marsha P. Johnson, the Stonewall uprising of 1969 and the role of AIDS activists in the 1980s and 1990s pushed forward the rights of LGBTQI+ people, a demand that continues with the claim for recognition of non-binary and trans identities. In these and other cases, change regularly emerges via the struggles of

the oppressed: Braidotti's others have an imposed proximity to critical situations that place them at the forefront of social dissent. Their aim to dismantle dominant structures entails an intersectional struggle for equal and non-conforming forms of existence, one that echoes the mutually dependent and entangled life-systems on the planet. In the words of scholar Sarah Ensor: "What Timothy Morton has called the 'politicized intimacy with other beings' that constitutes contemporary ecological relations" manifests as an "environmental ethic that acknowledges the extent to which ecological entanglement resembles the queer relationality of cruising far more than it does the other (more normative) relational paradigms."<sup>11</sup>

Forging an alliance of others, *forms of the surrounding futures* addresses shared urgent needs, celebrating plural narratives for tomorrow. It engages with what Preciado identifies as "the transition processes that are taking place from the subjective to the planetary scale," mapping "an ongoing planetary mutation process, a mobile cartography, an outline of a series of micromutations."<sup>12</sup> It endorses geographer Natalie Oswin's reading of Kath Browne's research whereby queer proposes a challenge of the norm by "operating beyond powers and controls that enforce normativity," entailing "radical (re)thinkings, (re)drawings, (re)conceptualizations, (re)mappings that could (re)make bodies, spaces and geographies."<sup>13</sup> Through this expanded notion, queer unravels as a collective, emancipatory position, embracing racialized, sexualized and naturalized others in a non-normative affinity which makes visible the constructed features of the present and the emergence of multiple futures. It materializes social and cultural theorists Lauren Berlant and Michael Warner's formulation of "a world-making project, where 'world', like 'public', differs from community or group because it necessarily includes more people than can be identified, more spaces than can be mapped beyond a few reference points, modes of feeling that can be learned rather than experienced as a birthright."<sup>14</sup>

Designing communal moments of othering and estrangement, *forms of the surrounding futures* circumvents speculative approaches to futurity to look at existing alternatives of being together in the world. It projects a queer relational stance contrary to the essentialist, extractive and oppressive dynamics which have dominated our historical conjuncture. The pre-emption of the possible by the current “no alternative” paradigm is replaced by the possibility of a “radical imagination” which acts out “the idea that things could be different and that we could live life otherwise.”<sup>15</sup> It employs strategies akin to theatre and stage design to estrange and seduce, proposing cognitive, emotional and sensual forms of engagement. Its performative features replace mediated forms of connectivity with immersive communal experimentation, projecting instances of possibility where social formations can emerge. In the words of José Esteban Muñoz: “Queerness, if it is to have any political resonance, needs to be more than an identitarian marker and to articulate a forward-dawning futurity.”<sup>16</sup> Examining the now, *forms of the surrounding futures* aims at queering hegemonic understandings of society, empowering and disseminating narratives which celebrate our collective ability to imagine and rehearse worlds to come.

## JOÃO LAIA

Curator 12<sup>th</sup> Göteborg International Biennial  
for Contemporary Art 2023

- 1 Eduardo Viveiros de Castro, *The Relative Native: Essays on Indigenous*  
2 *Conceptual Worlds* (Chicago: Hau Books, 2015), 10.
- 3 Paul B. Preciado, *Dysphoria Mundi: El Sonido del Mundo Derrumbándose*  
4 (Barcelona: Anagrama, 2022), 38;
- 5 José Esteban Muñoz, *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Fu-*  
6 *turity* (New York: New York University Press, 2009), 96.
- 7 Rosi Braidotti, 'We' Are in This Together, But We Are Not One and the  
8 Same, *Bioethical Inquiry* 17, no. 4 (2020): 467.
- 9 Ibid., 466.
- 10 Harriet Sherwood, 'Sums up 2022': Permacrisis chosen as Collins word  
11 of the year, *The Guardian*, November 1, 2022: <https://www.theguardian.com/culture/2022/nov/01/sums-up-2022-permacrisis-chosen-as-collins-word-of-the-year>
- 12 Franco 'Bifo' Berardi, *Futurability: The Age of Impotence and the Horizon*  
13 *of Possibility* (London and New York: Verso, 2019), 13.
- 14 Preciado, 19.
- 15 Déborah Danowski and Eduardo Viveiros de Castro, *The Ends of the*  
16 *World* (Cambridge: Polity Press, 2017), 113.
- See Line 3 Pipeline opposition by First Nations groups in Canada and the USA, the Indigenous-led protection of the Amazon, the several instances of mining in Aboriginal sacred sites in Australia or Sámi reindeer herders' resistance to the planned Arctic railway, among others.
- Sarah Ensor, "Queer Fallout: Samuel R. Delany and the Ecology of Cruising," *Environmental Humanities* 9, no. 1 (2017): 151
- Preciado, 30–31.
- Natalie Oswin, *Critical Geographies and the Uses Of Sexuality: Deconstructing Queer Space*, *Progress in Human Geography* 32, no. 1 (2008): 92.
- Lauren Berlant and Michael Warner, *Sex in Public*, *Critical Inquiry* 24, no. 2 (1998): 558.
- Max Haiven, *Crises of Imagination, Crises of Power: Capitalism, Creativity, and the Commons* (London and New York: Zed Books, 2014), 18, 218.
- Muñoz, 87.



**P. Staff**

**Rodrigo Hernández**

**Sandra Mujinga**

**Outi Pieski**

**KEM**

**Osías Yanov**

**Ana Vaz**

**Luiz Roque**

**Ania Nowak**

**María Jerez**

**Joana Da Conceição**

**Wave Geo-Telesial**

**1** Sandra Mujinga,  
*Pervasive Light*, 2021

**2** Ana Vaz  
*Atomic Garden*, 2018

**3** Outi Pieski,  
*Guržot ja guovssat*  
*/Spell on you!*, 2020  
*Skábmavuodđđu*  
*/Spell on Me!*, 2024

**4** Osías Yanov  
*Orphan Dance*, 2018-2024

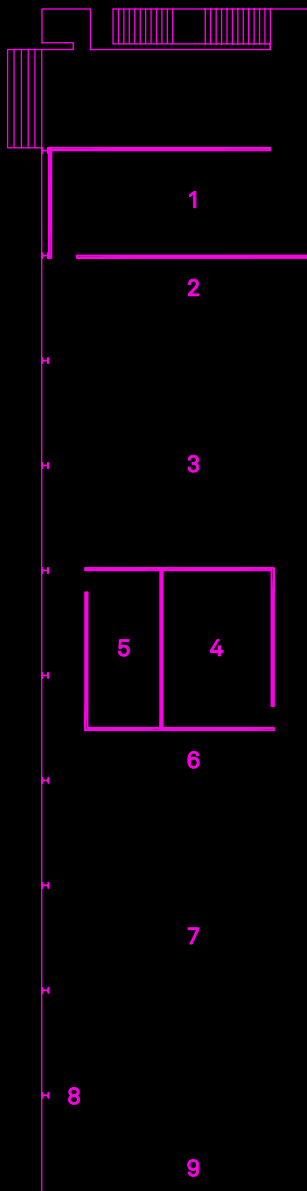
**5** P. Staff  
*On Venus*, 2019

**6** Rodrigo Hernández  
*Anche di notte (1)*, 2022

**7** María Jerez  
*Yabba*, 2017-2024

**8** KEM  
*Neon*, 2018-2024

**9** Luiz Roque  
*S*, 2017



1

## SANDRA MUJINGA

### *Pervasive Light*, 2021

Vídeo de três canais, ecrãs LCD  
de 55 polegadas (16 min)

Three-channel video, 55-inch LCD  
screens (16 min)

**Performer** Mariama Ndure; **Câmara** Camera Andre Katombe (Sonrise Picture); **Música** Music Sandra Mujinga. **Cortesia** Courtesy Croy Nielsen. *Pervasive Light* integra a coleção permanente do MoMA, Nova Iorque. *Pervasive Light* is part of the permanent collection of MoMA, New York.

Em *Pervasive Light* a protagonista move-se de forma esqui-va, umas vezes confundindo-se com o fundo, outras destacando-se dele, evitando ser apanhada de relance. A obra considera a forma como a luz pode ter um significado diferente para as criaturas das profundezas do mar, que vivem num ambiente onde a luz solar não penetra. Em vez disso, estas criaturas criam a sua própria luz através da bioluminescência. Este fenómeno encontra semelhanças na forma como a luz, entendida como visibilidade imposta a partir do exterior, se pode tornar indesejável, dada a possibilidade da visibilidade e da representação resultar em violência.

In *Pervasive Light* the protagonist moves elusively blending in and out of the background and avoiding being caught by a glance. The work considers how light can have a different meaning for deep-sea creatures who live in an environment where sunlight cannot penetrate. Instead, these creatures of the deep create light themselves through bioluminescence. This has parallels with how light, understood as visibility imposed from outside, can itself be unwelcome given the violence that can follow from visibility and representation.

Sandra Mujinga (CD/NO) pensa através da ficção especulativa de tradição afrofuturista, criando obras que se afastam de uma abordagem puramente antropocêntrica para compreender o mundo transitório em que vivemos atualmente. As suas obras debatem-se com questões de autorrepresentação e autopreservação, aparência e opacidade, através de uma prática interdisciplinar que frequentemente inverte a tradicional política de identidade da presença.

Mujinga expôs recentemente em: Moderna Museet Malmö; Sandefjord Kunstforening, Nottingham Contemporary; Malmö Konsthall; Munch Museum Oslo; New Museum Triennial; Trondheim Museum; Hamburger Bahnhof; 59.<sup>a</sup> Bienal de Veneza.

Sandra Mujinga (CD/NO) thinks through speculative fiction in Afrofuturist tradition, creating works that depart from a purely anthropocentric approach to understanding the transient world we are living in now. Her works negotiate questions of self-representation and -preservation, appearance, and opacity, through an interdisciplinary practice which often reverses traditional identity politics of presence.

Mujinga has recently exhibited at: Moderna Museet Malmö; Sandefjord Kunstforening, Nottingham Contemporary; Malmö Konsthall; Munch Museum Oslo; New Museum Triennial; Trondheim Museum; Hamburger Bahnhof; 59th Venice Biennale.

## 2

### ANA VAZ

#### *Atomic Garden, 2018*

Ensaio visual; 16 mm transferido para HD, som estéreo 5.1, projeção (7 min)

Visual essay; 16mm transfer to HD, 5.1 stereo sound, projection (7 min)

*Atomic Garden* é uma reflexão estroboscópica sobre a transformação, a sobrevivência e a resistência de uma miríade de formas de vida face à toxicidade. Explodindo e expandindo passado, futuro e presente, o filme acredita na anarquia da explosão como um movimento de protesto e de renovação da vida nas suas múltiplas formas.

“Poderíamos dizer que um fogo de artifício não é diferente de uma árvore ou de uma grande flor artificial que cresce, se desenvolve, floresce e morre em alguns segundos. Murcha, em breve acabará por desaparecer em fragmentos irreconhecíveis. Pois bem, peguemos nesse fogo de artifício e façamo-lo durar um mês e teremos uma flor com todas as características das outras flores. Ou então, invertendo a ordem dos fatores, imaginemos que a semente de uma planta pode explodir como uma bomba.” — Bruno Munari

*Atomic Garden* is a stroboscopic reflection on transmutation, survival and the resilience of a myriad life forms in the face of toxicity. Exploding and expanding past, future and present, the film trusts the anarchy of explosion as a movement of protest and renewal of life in its multiple form.

“We could say that a firework is not different from a tree, or from a big artificial flower that grows, develops, flowers and dies in a few seconds. Withered, finally, it soon disappears in unrecognizable fragments. Well, let’s take this firework and make it last for a month, and we will have a flower with all the characteristics of other flowers. Or so, inverting the order of factors, may us imagine that the seed of a plant can explode like a bomb.” – Bruno Munari

Ana Vaz (BR) é uma cineasta cujos trabalhos ativam e questionam o cinema como uma arte do (in)visível e como um instrumento capaz de desumanizar o humano, expandindo as suas ligações com formas de vida outras: não-humanas, mas também espectrais. Como consequência ou ampliação do seu cinema, as suas atividades também incluem a escrita, a pedagogia crítica, a instalação ou caminhadas coletivas.

Mais recentemente Vaz expôs ou projetou as suas obras em projetos como: Jeu de Paume; Pivô; Palais de Tokyo; Complesso dell’Ospedaletto; Biennale Gherdëina; Locarno Film Festival – Cineasti del Presente; Berlinale – Forum Expanded; Artist in Focus, Courtisane.

Ana Vaz (BR) is a film maker whose work activates and questions cinema as an art of the (in)visible and as an instrument capable of dehumanising the human; expanding its connections with forms of life both other than human or spectral. As consequences or expansions of her cinematography, her activities are also embodied in writing, critical pedagogy, installations or collective walks.

Vaz has recently exhibited or screened at: Jeu de Paume; Pivô; Palais de Tokyo; Complesso dell’Ospedaletto; Biennale Gherdëina; Locarno Film Festival – Cineasti del Presente; Berlinale – Forum Expanded; Artist in Focus, Courtisane.

## OUTI PIESKI

*Guržot ja guovssat / Spell on you!*, 2020*Skábmavuodđu / Spell on Me!*, 2024

Fio, aço, madeira, fabricado com a técnica artesanal Sámi Duodji

Thread, steel, wood, made with Sámi Duodji craft technique

As peças foram elaboradas por várias mulheres da Lapónia finlandesa, norueguesa e sueca **These pieces were made by several women from across Sápmi in Finland, Norway and Sweden**: Outi Pieski, Máret Johanna Huuva, Jenni Laiti, Ulla Magga, Leena Karoliina Mattanen, Laura Annika Pieski, Sunnamaarit Sara-Tornensis, Biret Haarla Pieski, Gáddjá Haarla Pieski, Eeva-Kristiina Nylander, Kaarin Wes.

*Guržot ja guovssat / Spell on you!* e *Skábmavuodđu / Spell on Me!* são pinturas tridimensionais que abordam forças contraditórias nas sociedades Sámi. ‘Guoržžu’ designa uma ave agoirenta ou um espírito malvado e ‘Guovssa’ é um gaio siberiano, conhecido por trazer sorte. Baseada no movimento de revitalização Sámi, estas obras expõe uma situação de capacitação gerada por tradições Duodji. ‘Duodji’ é um conceito holístico que preserva a filosofia, os valores e a espiritualidade do povo Sámi, conectando-os com as práticas e competências tradicionais. ‘Duodji’ é realizar e fazer, elaborar e criar. Não obstante as tentativas colonialistas para desacreditar as tradições Duodji, elas conservam ainda hoje o seu poder e a sua vitalidade.

***Guržot ja guovssat / Spell on you!* and *Skábmavuodđu / Spell on Me!* are a three-dimensional paintings dealing with contradictory forces in Sámi societies. ‘Guoržžu’ means a bad-luck-bird or an evil spirit and ‘Guovssa’ is a Siberian jay, known to bring good luck. Based on the Sámi revitalisation movement, these artworks present an empowering situation born out of Duodji traditions. ‘Duodji’ is a holistic concept that preserves the Sámi philosophy, values and spirituality, and connects them with practical and traditional skills. ‘Duodji’ is doing and making, crafting and creating. Despite colonialism’s efforts to invalidate Duodji traditions, it remains powerful and vital today.**

Outi Pieski (FI/Sápmi) trabalha com pinturas e instalações que se debruçam sobre a região do Ártico e a interdependência da natureza e da cultura. O seu trabalho combina tradições artesanais, nomeadamente vocabulários somáticos e familiares chamados Duodji para reabrir conversas sobre o povo sami no âmbito de discursos transnacionais.

Pieski expôs recentemente em: Martin Gropius Bau; Bonniers Konsthall; 23.<sup>a</sup> Bienal de Sydney; 1.<sup>a</sup> Bienal de Helsínquia; 13.<sup>a</sup> Bienal de Gwangju; Pavilhão da Finlândia na 58.<sup>a</sup> Bienal de Veneza; EMMA Museum; Kiasma; Southbank Centre.

Outi Pieski (FI/Sápmi) works with paintings and installations that delve into the Arctic region and the interdependence of nature and culture. Her work combines craft traditions as somatic and familial vocabularies called Duodji to reopen conversations about the Sámi people within transnational discourses.

Pieski has recently exhibited at: Martin Gropius Bau; Bonniers Konsthall; 23rd Sydney Biennial; 1st Helsinki Biennial; 13th Gwangju Biennial; Finnish Pavilion in the 58th Venice Biennale; EMMA Museum; Kiasma; Southbank Centre.

#### 4

### OSÍAS YANOV

#### *Orphan Dance*, 2018-2024

Instalação; meios diversos

Installation; mixed media

*Orphan Dance* transforma a galeria num espaço ritualístico para reimaginar as relações entre humanos e máquinas. Usando e recontextualizando materiais e dispositivos que encontramos muitas vezes nas nossas casas, escritórios, ginásios e clubes noturnos como objetos cerimoniais, a peça explora como as interações humanas com a tecnologia podem ser encenadas e implementadas de maneira diferente, de formas que enfatizem e desestabilizem os binários de *master* e *slave*, usuário e fornecedor de serviço, domínio e submissão.

*Orphan Dance* transforms the gallery into a ritual space to reimagine the relationships between humans and machines. Using and re-contextualising materials and devices often found in homes, offices, gyms, and nightclubs as ceremonial objects, it explores how human interactions with technology can be staged and enacted differently, in ways that emphasise and disrupt the binaries of *master* and *slave*; user and service provider; domination and submission.

Osías Yanov (AR) tem uma prática multidisciplinar que inclui performances, celebrações, instalações, esculturas e vídeos. Os seus trabalhos exploram a criação de campos de resistência conceptual e sensorial contra qualquer tipo de controlo estereotipado da subjetividade. A sua prática vai beber às teorias de género, filosofias queer e festas noturnas.

Yanov é um membro ativo dos grupos Rosa Chanco, Suavesitxs, Sirenes Errantes e Pulpería Mutuálica e expôs recentemente em: Museo de Arte Latino-Americano de Buenos Aires; Casa del Alabado; Bienal de Gwangju; Gasworks; Bienal de Berlim; DAAD; CED-MACB.

Osías Yanov (AR) has a multidisciplinary practice including performances, celebrations, installations, sculptures and videos. Yanov's works explore the creation of conceptual and sensorial fields of resistance against any stereotyping control of subjectivity. His practice is nurtured by gender theories, queer philosophies and night parties.

Yanov is an active member of the groups Rosa Chanco, Suavesitxs, Sirenes Errantes and Pulpería Mutuálica and has recently exhibited at: Museo de Arte Latino-Americano de Buenos Aires; Casa del Alabado; Gwangju Biennial; Gasworks; Berlin Biennial; DAAD; CED-MACB.

## 5

### P. STAFF

#### *On Venus*, 2019

Ensaio visual; parede de LED, chão espelhado, luzes (13 min)

Visual essay; LED wall, mirror floor, lights (13 min)

*On Venus* dá continuidade a análise de Staff sobre o intercâmbio entre corpos, ecossistemas e instituições a partir de uma perspetiva queer e trans. Colocadas sobre um chão espelhado inundado de luz amarela radioativa, as imagens em movimento são compostas por filmagens distorcidas que documentam a criação industrial de mercadorias, incluindo urina, sémen, carne, peles e pêlo.

A segunda metade do vídeo inclui um poema que descreve a vida no planeta Vénus, um irmão da Terra, mas descrito como um estado de não-vida ou de quase-morte, a condição de ser queer que é volátil e em constante metamorfose. O trabalho de Staff retrata, em última análise, estados de violência subjacentes à criação de um sujeito humano, questionando o que está em jogo na criação de futuros habitáveis.



*On Venus* continues Staff's examination of the exchange between bodies, ecosystems, and institutions from a queer and trans perspective. Set above a mirrored floor flooded with radioactive yellow light, the moving images are comprised of warped footage documenting the industrial farming of commodities including urine, semen, meat, skins, and fur.

The second half of the video includes a poem describing life on the planet Venus, a sibling to Earth but one described as a state of non-life or near-death, a queer state of being that is volatile and in constant metamorphosis. Staff's work ultimately depicts states of violence that underpin the making of a human subject, inquiring about what is at stake in the making of liveable futures.

P. Staff (GB) baseia-se num vasto sortido de influências, incluindo a necropolítica, a teoria dos afetos e a transpoética, bem como os seus próprios estudos sobre dança moderna, astrologia e cuidados de fim da vida. Na prática interdisciplinar de Staff, estas linhas variadas servem para enfatizar os processos pelos quais os corpos – especialmente os de pessoas queer, trans ou com deficiência – são interpretados, regulados e disciplinados numa sociedade rigorosamente controlada.

Staff expôs recentemente em: Kunsthalle Basel, Basileia; Commonwealth and Council; LUMA; Institute of Contemporary Art, Xangai; Serpentine Galleries; 59.<sup>a</sup> Bienal de Veneza; 13.<sup>a</sup> Bienal de Xangai; MoCA; MoMA; Fundação Julia Stoschek, Düsseldorf.

P. Staff (GB) draws from a wide-ranging assortment of influences, including necropolitics, affect theory, and transpoetics, as well as their own studies in modern dance, astrology, and end of life care. In Staff's interdisciplinary practice, these varying threads serve to emphasise the processes by which bodies – specially those of people who are queer, trans, or disabled – are interpreted, regulated, and disciplined in a rigorously controlled society.

Staff has recently exhibited at: Kunsthalle Basel; Commonwealth and Council; LUMA; Institute of Contemporary Art, Shanghai; Serpentine Galleries; 59th Venice Biennale; 13th Shanghai Biennale; MoCA; MoMA; Julia Stoschek Foundation, Düsseldorf.

## RODRIGO HERNÁNDEZ

*Anche di notte (1)*, 2022

Painéis de latão martelados  
manualmente

Hand-hammered  
brass panels

Cortesia **Courtesy** Artista **Artist** P420, Bologna

*Anche di notte* é traduzido para “mesmo à noite”. Estes reluzentes painéis de latão, manualmente martelados em Lisboa, retratam um cenário fisicamente impossível onde um vampiro e um grupo de figuras humanas se encontram suspensos no espaço exterior, a flutuar por entre estrelas e planetas. A obra evoca a magia do crepúsculo, um tempo intermédio, e um parentesco entre o humano e o não-humano, presente em tantas cosmologias pré-colombianas. A resplandecência material do latão reforça uma atmosfera devocional, ao passo que o traço delicado das figuras intensifica a intangibilidade poética enunciada pela superfície das coisas, traço comum a toda a prática de Hernández.

*Anche di notte* translates as ‘even at night’. These radiant brass panels, hand-hammered in Lisbon, depict a physically impossible scenario where a bat and a group of human figures are suspended in outer space, floating amongst the stars and planets. The work evokes the magic of twilight, a time in between, and a kinship between human and non-human present in so many Pre-Columbian cosmologies. The luminous material quality of the brass reinforces a devotional atmosphere while the delicate tracing of the subjects adds to the poetic intangibility spoken from the surface of things which is familiar across Hernández’s practice.

Rodrigo Hernández (MX) interessa-se pelo processo constitutivo da criação de imagens, desde a iconografia mesoamericana ao design e à cultura visual contemporânea. Os seus projetos variam entre a criação de objetos no âmbito de uma dedicada prática de atelier e instalações site-specific orientadas para a investigação. O artista baseia-se em múltiplas referências estéticas, filosóficas e literárias para desenvolver um vocabulário formal muito pessoal.

Hernández expôs recentemente em: Wattis Institute; Kestner Gesellschaft; Museo Jumex; Swiss Institute; Museo de Arte Moderno Medellín; SCAD Museum of Art; Sala de Arte Público Siqueiros; Midway Contemporary; SALTS, Pivô, São Paulo; Kunsthalle Basel, Basileia; Kurimanzutto, Cidade do México.

Rodrigo Hernández (MX) is interested in the constitutive process of image making, from Meso-American iconography to design and contemporary visual culture. His projects vary from object-making within a devoted studio practice to site-specific and research-oriented installations. He draws on multiple aesthetic, philosophical and literary references to develop a very personal formal vocabulary.

Hernández has recently exhibited at: Wattis Institute; Kestner Gesellschaft; Museo Jumex; Swiss Institute; Museo de Arte Moderno Medellín; SCAD Museum of Art; Sala de Arte Público Siqueiros; Midway Contemporary; SALTS, Pivô, São Paulo; Kunsthalle Basel; Kurimanzutto, Mexico City.

## 7

### MARÍA JEREZ

#### *Yabba*, 2017-2024

Instalação; meios diversos

Installation; mixed media

Colaboradores **Collaborators** Óscar Bueno, Javier Cruz, Ainhoa Hernández Escudero, Alejandra Pombo, Laura Ramírez & Lanoche; Desenho técnico **Technical design** Leticia Scrycky, Elii [Oficina de Arquitectura], Malén Iturri; Coprodução **Co-production** Veranos de la Villa, SZENE (Salzbur-go), Zürcher Theater Spektakel (Zúrich), CA2M and Ayudas a la creación de artes visuales de la Comunidad de Madrid 2018; Apoio **Support** Centro de Danza Canal.

Projeto financiado por **Project financed by** Apap-performing Europe 2020, com colaboração de **with the collaboration of** «Creative Europe» – European Union Program. Apoio **Support** Acción Cultural Española, Västra Götalands Regionen.

Originalmente uma performance ao vivo acompanhada por *Lanoche* (um projeto sonoro de Angela de la Serna), *Yabba* foi pela primeira vez adaptada a uma instalação em 2017. Sob esta forma, a obra é animada através de ferramentas como o som, o fumo e as luzes. *Yabba* manifesta-se como um híbrido: humano e não-humano, único e plural, sedutor e estranho. Materializa-se como uma paisagem desconhecida viva, um outro cósmico e marinho, sugerindo um horizonte que ainda está para chegar.

Originally a live performance accompanied by *Lanoche* (a sound project by Angela de la Serna), *Yabba* was first adapted as an installation in 2018. In this form, the work is animated through tools such as sound, smoke and lights. *Yabba* manifests as a hybrid: human and non-human, single and plural, seductive and strange. It materialises as a live unknown landscape, a cosmic and marine other, hinting at a horizon which is yet to arrive.

## *No ser ni la sombra de lo que se fue, 2024*

Performance (25 min)

Integrada no programa de abertura, dia 15 de junho, entre as 23h00 e as 2h00, no Passos Manuel. Part of the opening programme, on June 15, between 11pm and 2am, at Passos Manuel.

“Considero a sombra como um movimento interno e externo do corpo, seja ele um corpo vivo, morto ou inerte. Uma coisa que está sempre lá e que se move e se transforma em contacto com a luz e com os corpos intervenientes”.

Quando vemos uma sombra — sobretudo onde não deveria haver sombra —, temos tendência para procurarmos o que a está a produzir. Este trabalho esquece a causa para se concentrar na sombra como fonte de movimento, para se deter no que ela efetivamente produz: uma nova imagem, um fenómeno que já não é o corpo (desaparecido) que o gera, mas que é ele próprio um outro corpo.

Esta lógica liberta a imagem da sua origem, de totalidade, de essência, da dicotomia entre o real e o fictício, e de uma tentativa de hipervisibilidade. Toda a experiência é parcial. Nunca se está num lugar de onde se pode ver tudo, porque há sempre a penumbra, o lugar da obscuridade. A sombra permite-nos uma viragem para um novo plano, o das sobreposições, fragmentos, enviesamentos, distâncias e fantasmas.

“I consider the shadow as an internal and external movement of the body, whether it’s a living, dead or inert body. Something that is always there and that moves and transforms in contact with the light and the intervening bodies.”

When we see a shadow — especially where there shouldn’t be one — we tend to look for what is producing it. This work forgets the cause to focus on the shadow as a source of movement, to dwell on what it actually produces: a new image, a phenomenon that is no longer the (disappeared) body that generates it but is itself another body.

This approach frees the image from its origin, from totality, from essence, from the dichotomy between the real and the fictitious, and from an attempt at hyper-visibility. All experience is partial. You are never in a place where you can see everything because there is always dimness, the place of darkness. The shadow allows us to turn to a new realm, that of superimpositions, fragments, biases, distances and ghosts.

A obra de María Jerez (ES) situa-se algures entre a coreografia, o cinema e as artes visuais. O seu trabalho mais recente insiste na performatividade dos encontros como espaços de transformação. Estes momentos são aqueles em que o “outro” se aloja em nós próprios, estabelecendo fronteiras ténues entre o conhecido e o desconhecido, o objeto e o sujeito, o animado e o inanimado, o coletivo e o individual.

Jerez já apresentou dança e trabalhos visuais em: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía; Fundação de Serralves; Fondation Cartier pour l’Art Contemporain; Théâtre de la Ville; Kaaitheater; Impulstanz; Pavilhão de Espanha na 18.<sup>a</sup> Bienal de Arquitetura de Veneza.

María Jerez’s (ES) work is situated between choreography, film and visual arts. Her most recent work insists on the performativity of encounters as spaces of transformation. These moments are where the “other” is housed in oneself, establishing blurred borders between the known and the unknown; the object and the subject; the animate and the inanimate; the collective and the individual.

Jerez has presented dance and visual arts contexts at: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía; Fundação de Serralves; Fondation Cartier pour l’Art Contemporain; Theatre de la Ville; Kaaitheater; Impulstanz; Spanish Pavillion in the 18th Venice Architecture Biennale.

## KEM

*Neon, 2018-2024*

Tubos néon sobre estrutura de metal

Neon tubes on metal frame

Um triângulo cor-de-rosa dentro de um círculo verde, um sinal existente que aponta para um espaço mais seguro. O triângulo evoca uma história de resistência à queerfobia, através da reutilização do triângulo cor-de-rosa pelo movimento ACT UP. O sinal de néon foi inicialmente desenvolvido durante a residência Kem Care no Museu de Arte Moderna de Varsóvia em 2018 e está presente em vários eventos, como o Dragana Bar, um clube noturno que acolhe novos fenómenos de música, de dança, arte sonora e performances de pequena escala.

A pink triangle inside a green circle, an existing sign that gestures towards a safer space. The triangle evokes a history of resistance to queerphobia, through the repurposing of the pink triangle by the ACT UP movement. The neon sign was initially developed during the residency KEM Care at the Museum of Modern Art in Warsaw in 2018 and is present during various events such as Dragana Bar, a club night which hosts new phenomena in dance music, sound-based art and smaller scale performance.

*Dragana Bar, 2018-2024*

Clube noturno de performance

Performance night club

Integrada no programa de abertura, dia 15 de junho, entre as 2h00 e as 5h00, no Passos Manuel. Part of the opening programme, on June 15, between 2 and 5am, at Passos Manuel.

Com Featuring Filipka Rutkowska, androgenia, Facheroia b2b Onio.

*Dragana Bar* é o clube noturno de KEM. Acolhe eventos como música de dança, arte sonora e performances de pequena escala.

***Dragana Bar is KEM's night club. It hosts new phenomena in dance music, sound-based art and smaller-scale performance.***

KEM (PL) é um coletivo queer feminista sediado em Varsóvia, centrado em coreografia, performance e som, na interface com a prática social e a construção de comunidades. Desde 2021, KEM acolhe um programa educativo experimental e *alter-institucional* em Varsóvia chamado Kem School. Os seus projetos caracterizam-se pelo hibridismo e a fluidez, esbatendo as fronteiras entre arte, curadoria, educação, ativismo, clubbing e práticas de construção de comunidades. Trata-se de uma comunidade criada no processo de colaboração e envolvimento com a política de corporização, sentimento e subjetividade em relação à coletividade. KEM experimenta formatos e reforça práticas e discursos artísticos queer, feministas e antirracistas.

KEM (PL) is a Warsaw-based queer feminist collective focused on choreography, performance and sound at the interface with social practice and community building. Since 2021 KEM hosts an experimental, alter-institutional educational program in Warsaw called Kem School. Their projects are characterised by hybridity and fluidity, blurring the boundaries between art, curating, education, activism, clubbing and community-making practices. It is a community created in the process of collaboration and engagement with the politics of embodiment, feeling and subjectivity in relation to collectivity. KEM experiments with formats and strengthens queer, feminist and anti-racist artistic practices and discourses.

## LUIZ ROQUE

*S*, 2017

Ensaio em vídeo; projeção (5 min)

Video essay; projection (5 min)

Produzido por **Produced by** Camila Groch-Groch Filmes / MASP; Seleção **Casting** Danna Lisboa, Félix Pimenta, Ivy Monteiro, Lucas Abe, Romario Monte, Vitor Nogueira; Coreografia **Choreography** Danna Lisboa; Cinematografia **Cinematography**: Glauco Firpo; Figurinos **Costume Design** Alex Cassimiro; Produção **Production** Filipa Gomes; Edição **Editing** Juliana Munhoz; Som **Sound** Marcio Biriato. Cortesia **Courtesy** Mendes Wood DM

As coreografias de *S* codificam uma mensagem que se baseia no manifesto “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!” da artista e ativista brasileira Jota Mombaça. A dança, magnífica e hipnótica, transmite uma mensagem violenta, contrabalançando os gestos poéticos e graciosos.

“Vamos invadir suas casas, incendiar seus carros, apedrejar seus centros comerciais e seus bancos, insultar suas forças policiais, amaldiçoar sua segurança, esvaziar sua geladeira e zombar de suas ilusões de conforto ontológico.”  
– Jota Mombaça

Em *S* a beleza torna-se brutal.

Um agradecimento especial a Jota Mombaça pela utilização do texto “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!”, parcialmente adaptado no filme.

**The choreographies of *S* code a message based on the manifesto Towards a Gender Disobedient & Anti-Colonial Redistribution of Violence by Brazilian artist and activist Jota Mombaça. The hypnotic and magnificent dancing conveys a violent message, counterbalancing the poetic and graceful gestures.**

**“We will invade your houses, set your cars on fire, stone your malls and banks, swear at your police forces, curse your safety, empty your fridge and mock your illusions of ontological comfort.” – Jota Mombaça**

**In *S* beauty becomes brutal.**



**Special thanks to Jota Mombaça for the text “Towards a Gender Disobedient and Anticolonial Redistribution of Violence”, which is partially adapted in the film.**

Luiz Roque (BR) trabalha em diferentes meios, combinando o esplendor da ficção científica, o legado do modernismo, a cultura pop e as biopolíticas queer para entender e propor narrativas inovadoras e visualmente sensuais. Os trabalhos de Roque habitam num espaço entre o cinema, a arte e a teoria crítica no âmbito do debate político, quer real quer imaginário.

Roque expôs recentemente em: PROA21; Visual Arts Center, Austin; Pivô; CAC Passerelle; The New Museum; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Tramway; 59.<sup>a</sup> Bienal de Veneza; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Centro de Arte Contemporâneo, Quito; Padiglione d’Arte Contemporanea.

Luiz Roque (BR) works across different territories, combining the splendour of science fiction, the legacy of Modernism, pop-culture and queer bio-politics, to understand and propose ingenious and visually sensual narratives. Roque’s works inhabit a space between cinema, art and critical theory within the scope of political dispute, both real and imaginary.

Roque has recently exhibited at: PROA21; Visual Arts Center, Austin; Pivô; CAC Passerelle; The New Museum; Niterói Contemporary Art Museum; Tramway; 59<sup>th</sup> Venice Biennale; São Paulo Museum of Modern Art; Centro de Arte Contemporâneo, Quito; Padiglione d’Arte Contemporanea.

## 10

### ANIA NOWAK

#### *To the Aching Parts! (Manifesto)*, 2022

Performance (20 min)

Integrada no programa de abertura, dia 15 de junho, entre as 23h00 e as 2h00, no Passos Manuel. Part of the opening programme, on June 15, between 11pm and 2am, at Passos Manuel.

*To the Aching Parts! (Manifesto)* é um discurso público que dissecar a linguagem usada hoje em dia a favor e contra as comunidades queer. Desprovido de gramática, o texto fica sujeito à ordem e ao prazer do ritmo.

Originalmente encomendada pela HAU Hebbel am Ufer de Berlim no quadro do projeto “Manifestos for Queer Futures”, a performance assenta em referências a estratégias militantes usadas por minorias para lidar com os perigos da normatividade e a atual necessidade de assumir

pontos de interseção ao formar alianças queer. Ao tomar a liberdade de jogar com a linguagem do ressentimento e do trauma, mas também da empatia e da cura, a peça propõe-se desestabilizar identidades, práticas e acrónimos bem conhecidos como LGB ou FtM em nome de um futuro queer que temos ainda de conceber.

***To the Aching Parts! (Manifesto)* is a public speech which dissects the language used by and against queer communities today. Devoid of grammar, the text is subjected to the order and pleasure of rhythm.**

**Originally commissioned by Berlin's HAU Hebbel am Ufer in the frame of Manifestos for Queer Futures, the performance relies on references to militant strategies used by minorities to address the dangers of normativity and the need for embodied intersectionality when forming queer alliances today. By taking the liberty to play around with the language of resentment and trauma as well as empathy and healing, it proposes to destabilise identities, practices, and well-known acronyms like LGB or FtM for the sake of a queer future we have yet to envisage.**

A prática coreográfica de Ania Nowak (PL/DE) recorre à vulnerabilidade e ao desejo como formas de reimaginar o que os corpos e a linguagem podem e não podem fazer. Nowak interpela os corpos nos seus sentimentos não-lineares e capacidade de pensar para abordar as dificuldades do companheirismo e do cuidar em tempos de perpétua crise. Nowak colabora com programas educacionais alternativos do Leste europeu, como a Kem School de Varsóvia ou a School of Kindness de Sófia. Recentemente apresentou peças suas em: HAU – Hebbel am Ufer, Berlim; Berlinische Galerie, Berlim; Akademie der Künste, Berlim; Galerie Wedding do KW Institut for Contemporary Art, Berlim; Sophiensæle, Berlim; Museu de Arte Moderna de Varsóvia; La Casa Encendida, Madrid; Kiasma, Helsínquia; Trienal do Báltico.

Ania Nowak (PL/DE) has a choreographic practice that approaches vulnerability and desire as ways towards reimagining what bodies and language can and cannot do. Nowak engages with bodies in their nonlinear feeling and thinking capacity to tackle the difficulties of companionship and care in times of perpetual crisis. Nowak collaborates with alternative educational programs in Eastern Europe, such as Kem School in Warsaw and the School of Kindness in Sofia. She has recently presented at: HAU Hebbel am Ufer; Berlinische Galerie; Akademie der Künste; KW, Galerie Wedding; Sophiensæle, Berlin; Museum of Modern Art, Warsaw; La Casa Encendida, Madrid; Kiasma, Helsinki; Baltic Triennial.

JOANA DA CONCEIÇÃO

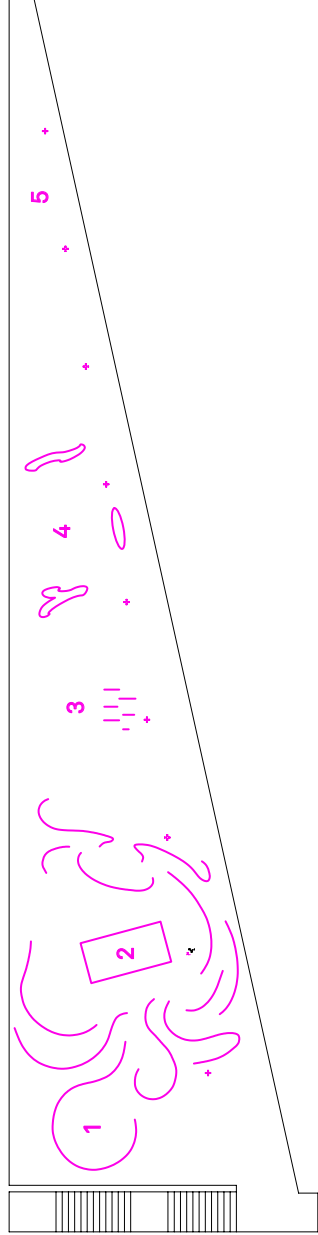
# Have Geo-Celestial

O trabalho de Joana da Conceição convida-nos a abandonar formas estanques de relacionamento com o mundo, propondo aproximações mágicas ao desconhecido. *Nave Geo-Celestial* é um mergulho no interior misterioso de um espaço pulsante feito de cor, luz, matéria e som. Este lugar em movimento reúne diferentes corpos animados: alguns lembram figuras familiares como uma cama, janelas ou um esqueleto, enquanto outros estranham ao constituírem-se como superfícies permeáveis e sugerirem imagens flutuantes ou céus cósmicos. Ao procurar uma imaginação livre, *Nave Geo-Celestial* projeta possibilidades várias de entender a realidade, questionando oposições como eu e outro, interior e exterior, micro e macro, horizontal e vertical, real e virtual, abstrato e figurativo, luz e obscuridade ou estático e em movimento. Aqui, estas distinções são substituídas por uma demonstração sensorial do relacionamento íntimo entre todas as coisas, materializando uma celebração da multiplicidade viva do universo.

Joana da Conceição's work invites us to abandon stagnant ways of relating to the world, proposing magical approaches to the unknown. *Nave Geo-Celestial* is a dive into the mysterious interior of a pulsating space made of colour, light, matter and sound. This moving place brings together different animated bodies: some resemble familiar figures such as a bed, windows or a skeleton, while others are uncanny in the way they constitute permeable surfaces and suggest floating images or cosmic skies. By seeking a freed imagination, *Nave Geo-Celestial* projects various possibilities for perceiving reality, questioning oppositions such as self and other, interior and exterior, micro and macro, horizontal and vertical, real and virtual, abstract and figurative, light and dark or static and in motion. Here, these distinctions are replaced by a sensory demonstration of the intimate relationship between all things, materialising a celebration of the living multiplicity of the universe.

João Laia

- 1 *Drifters*
- 2 *Solipsismo Cósmico*
- 3 *Rave da Terra*
- 4 *Terreiro*
- 5 *Index*



## 1 DRIFTERS

### *Drifters, 2024*

Acrílico, spray, pigmento,  
folha de prata e imitação  
de folha de prata sobre tela,  
madeira de freixo, MDF  
folheado a freixo, luz led

Acrylic, spray, pigment,  
silver leaf and silver leaf imitation  
on canvas, ash wood,  
ash veneered MDF, led light

Este trabalho ecoa o fundo oculto dos oceanos e a sua relação com o movimento das placas tectónicas do planeta Terra. Habita um território entre o sono e o sonho e introduz-nos no sistema multidimensional da artista, onde se exploram novas geometrias que, na sua estranheza, abraçam a complexidade do mundo.

*This work echoes the hidden depths of the oceans and their relationship with the movement of planet Earth's tectonic plates. It inhabits a territory between sleep and dream and introduces us to the artist's multidimensional system, where new geometries are explored which, in their strangeness, embrace the complexity of the world.*

*Elán Vital, 2022 / Angel, 2022 / Fenda  
Sagrada, 2022 / Caminho da Água, 2022  
Gemini, 2022 / Quadrantis 1, 2022 /  
Quadrantis 2, 2022 / Quadrantis 3, 2022*

Instalação multimédia;

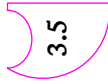
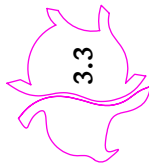
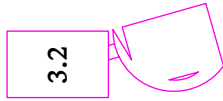
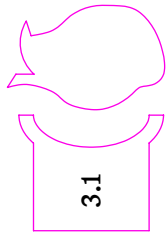
Peça sonora e script de luz  
(26 min), acrílico, spray,  
pigmento sobre tela

Multimedia installation;

Sound piece and light script  
(26 min), acrylic, spray,  
pigment on canvas

Este ambiente contemplativo e multisensorial desenhava um universo próprio. A disposição das pinturas evoca o céu noturno, enquanto a trilha sonora é inspirada nas vidas anteriores do edifício para onde a instalação foi criada (originalmente uma caldeira de eletricidade, tornando-se depois, um armazém, um edifício devoluto utilizado para raves e, até aos dias de hoje, um centro de arte). Todas estas referências estão ligadas pela interação entre luz, obscuridade e som, que sinaliza a descontinuidade fluída do cosmos. É um convite para uma experiência simples: deitar-se num colchão e abandonar o corpo.

**This contemplative, multi-sensory environment shapes a universe of its own. The arrangement of the paintings evokes the night sky, while the soundtrack is inspired by the previous lives of the building for which the installation was conceived (originally an industrial electric boiler, later becoming a warehouse, a vacant building used for raves and, to this day, an art centre). All these references are linked by the interaction between light, darkness and sound, which signals the fluid discontinuity of the cosmos. It's an invitation to a simple experience: lie down on a mattress and abandon your body.**





- 3.1 *Amigas*, 2024
- 3.2 *Rasgão*, 2023
- 3.3 *Amor*, 2024
- 3.4 *Primeiro choro*, 2023
- 3.5 *Falante*, 2023
- 3.6 *Simbiose*, 2024
- 3.7 *Osso exposto*, 2023

Acrílico sobre tela,  
MDF, gesso acrílico,  
imitação de folha de bronze

Acrylic on canvas,  
MDF, acrylic plaster,  
bronze leaf imitation

Este conjunto canaliza movimentos biológicos e eletromagnéticos das forças que permeiam a vida. Estruturas metálicas sustentam um conjunto de pinturas chamado *Rave da Terra*, que se insere na série *Humantas* – uma junção entre humano/a e planta. Este gesto agregador desenha uma densa teia de relações entre vários corpos em diferentes estados e tempos de desenvolvimento e atividade, transformando-os em fragmentos de um fluxo contínuo.

**This ensemble channels the biological and electromagnetic movements of the forces that permeate life. Metal skeletons support a set of paintings called *Rave da Terra*, part of the series *Humantas* — a combination of human and plant. This aggregating gesture draws a dense web of relationships between various bodies in different states and times of development and activity, transforming them into fragments of a continuous flow.**

### 4.1 *Estrela Cadente*, 2024

Acrílico, pigmento e imitação de folha de prata sobre tela

Acrylic, pigment and silver leaf imitation on canvas

### 4.2 *Mãe*, 2024

Acrílico e spray sobre tela, MDF, gesso acrílico, vidro

Acrylic and spray on canvas, MDF, acrylic plaster, glass

### 4.3 *Coração Partido*, 2023

Acrílico sobre tela, MDF, pigmento, gesso acrílico, resina epoxy

Acrylic on canvas, MDF, pigment, acrylic plaster, epoxy resin

### 4.4 *Via Láctea e Andrómeda*, 2024

Acrílico e pigmento sobre tela

Acrylic and pigment on canvas

### 4.5 *Vontade Espectral*, 2024

Acrílico, pigmento e folha de cobre sobre tela

Acrylic, pigment and copper foil on canvas

### 4.6 *Mineral*, 2022

Acrílico sobre tela, resina epóxi

Acrylic on canvas, epoxy resin

### 4.7 *Noitibó*, 2022

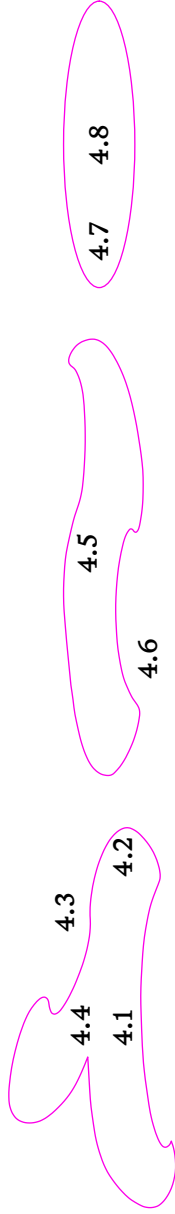
Acrílico sobre tela, MDF, gesso acrílico

Acrylic on canvas, MDF, acrylic plaster

### 4.8 *Temperamental*, 2024

Acrílico, pigmento e folha de cobre sobre tela

Acrylic, pigment and copper foil on canvas



Este núcleo reflete a nossa escala, o nosso tamanho e, no entanto, apresenta uma anatomia fantasma, de forma instável, que ecoa a energia que anima e atravessa os nossos corpos. Flutuando numa superfície líquida e cósmica, as figuras tornam-se em híbridos de nenúfares e galáxias, misturando escalas e elementos, sem fronteiras. A fragilidade do corpo é também a resiliência da vida. O corpo vivo é também uma natureza morta.

This set of pieces reflects our scale, our size, and yet presents a phantom anatomy, with an unstable form that echoes the energy that animates and crosses our bodies. Floating on a liquid and cosmic surface, the figures become hybrids of water lilies and galaxies, mixing scales and elements without borders. The fragility of the body is also the resilience of life. The living body is also still life.

5.3

5.2

5.1

### 5.1 *Anatomia Fantasma, 2024*

Acrílico e imitação de folha de ouro sobre tela

Acrylic and gold leaf imitation on canvas

### 5.2 *Exu Mirim #1, 2018*

Acrílico sobre tela

Acrylic on canvas

### 5.3 *Reencarnação Cósmica, 2022*

Acrílico e spray sobre tela

Acrylic and spray on canvas

Se considerarmos que grande parte dos átomos que constituem os nossos corpos circulam pelo universo desde o Big Bang, criados em supernovas, e que a nível atômico as coisas são recriadas, recicladas — como que numa espécie de reencarnação cósmica —, a distinção entre corpos dilui-se, num constante devir que desafia a centralidade humana. A nossa anatomia é fantasma, somos fluxos de uma torrente contínua.

If we consider that a large part of the atoms that make up our bodies have been circulating around the universe since the Big Bang, created in supernovas, and that at an atomic level things are recreated, recycled — as if in a kind of cosmic reincarnation — the distinction between bodies is blurred in a constant becoming that defies human centrality. Our anatomy is a ghost, we are flows of a continuous stream.

## *Sonho Lúcido*, 2024

Performance (30 min)

Integrada no programa de abertura, dia 15 de junho, entre as 23h00 e as 2h00, no Passos Manuel. [Part of the opening programme, on June 15, between 11pm and 2am, at Passos Manuel.](#)

Joana da Conceição apresenta *Sonho Lúcido*, uma viagem aural tecida ao vivo e acompanhada de imagens em movimento. No vídeo, os desenhos digitais animados infiltram-se na realidade das imagens do quotidiano num jogo onírico que evidencia o peso que a experiência subjetiva do indivíduo tem na percepção, compreensão e ação sobre o mundo. As formas e as fórmulas repetem-se, são transferidas e transformadas, evidenciando o carácter circular da narrativa visual que reflete e ecoa a natureza hipnótica da música.

Joana da Conceição presents *Sonho Lúcido*, an aural voyage weaved live and accompanied by moving images. In the video, animated digital drawings infiltrate the reality of everyday images in a dreamlike game, emphasising the weight of the individual's subjective experience in perceiving, understanding and acting on the world. The shapes and formulas are repeated, transferred and transformed, emphasising the circular nature of the visual narrative, while mirroring and echoing the hypnotic nature of the music.

Joana da Conceição (PT) compõe e actua ao vivo num sistema de electrónica que foi montado e dominado ao longo do tempo. A artista visual e música faz parte do grupo Tropa Macaca, sendo celebrada pela sua singular arte ritualística, estilo de fraseado textual e batidas mediúnicas. A música é criada ao vivo, sem rede – confiante no mistério da linguagem musical que segue, nutrindo-a com pensamento e prática. Tendo como base a pintura e a música, cria ambientes contemplativos e multissensoriais, espaços para nos harmonizarmos com o nosso eu interior, que surgem da necessidade da artista de confrontar e explorar as contradições que, no contexto da ontologia ocidental, inspiram a mudança pós-humanista. Conceição expôs e atuou recentemente em: Serralves em Festa; VOODOOHOP; Stadslimiet; Fylkingen; Salon des Amateurs; Museo d'Arte Moderna di Bologna; MK Gallery; Walk&Talk Festival.

Joana da Conceição (PT) composes and performs live on a system of electronics that has been assembled and mastered over time. The visual artist and musician is part of the group Tropa Macaca, celebrated for its unique ritualistic art, textual phrasing and mediumistic beats. The music is created live, without a safety net - confident in the mystery of the musical language she follows, nurturing it with thought and practice. Based on painting and music, she creates contemplative and multi-sensory environments, spaces to harmonise with our inner selves, which arise from the artist's need to confront and explore the contradictions that, in the context of western ontology, inspire post-humanist change. Conceição has recently exhibited and performed at: Serralves em Festa; VOODOOHOP; Stadslimiet; Fylkingen; Salon des Amateurs; Cafe Oto; BoCA Bienal; Museo d'Arte Moderna di Bologna; MK Gallery; Galeria Municipal do Porto; Walk&Talk Festival.

## Programa de abertura Opening programme

15.06.2024

Fonoteca, 11h00: Escuta  
Ativa com with Luiz Roque

Galeria Municipal do Porto,  
17h00-20h00: Inauguração  
Opening

Passos Manuel, 23h00-  
2h00: Performances por by  
María Jerez, Ania Nowak,  
Joana da Conceição /  
2h00-5h00: Dragana Bar  
DJ-set + Performance,  
por by KEM

## Programa Público Public Programme

06.07, 03.08, 24.08, 31.08, 07.09.2024

Galeria Municipal do Porto,  
16h00: Visitas guiadas à  
exposição Guided tours  
to the exhibition

20.07.2024

Galeria Municipal do Porto,  
15h00-17h00: *Nave Geo-Celestial*  
guiada por Joana da Conceição  
– visita-oficina para crianças.  
*Geo-Celestial Vessel* driven  
by Joana da Conceição  
– visit/workshop for children.



formas dos futuros ao redor  
forms of the surrounding futures

Com **With**

Ana Vaz,

Ania Nowak

Joana da Conceição

(*Nave Geo-Celestial*)

KEM

Luiz Roque

María Jerez

Osías Yanov

Outi Pieski

P. Staff

Rodrigo Hernández

Sandra Mujinga

Curadoria **Curated by**

João Laia

Assistência à curadoria

**Curatorial assistance**

Isabeli Santiago

Patrícia Coelho

Design gráfico **Graphic design**

Joana Lourencinho Carneiro

DIREÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

**CONTEMPORARY ART DIRECTION**

Armando Amorim (Montagem e Apoio à Produção **Installation and Production Support**), Carlos Lopes (Montagem e Apoio à Produção **Installation and Production Support**), Clara Saracho (Assistente de Produção **Production Assistant**), Cláudia Almeida (Assistente Administrativa **Administrative Assistant**), Diana dos Reis (Comunicação **Communication**), Diana Geirotto (Gestora de Projeto **Project Manager**), Hernâni Baptista (Comunicação **Communication**), Isabeli Santiago (Assistente de Curadoria **Curatorial Assistant**), João Laia (Diretor Artístico **Artistic Director**), João Ramos (Assistente de Sala **Room Assistant**), Juliana Campos (Assistente Administrativa **Administrative Assistant**), Matilde Seabra (Coordenadora do Projeto Educativo **Learning Programme Coordinator**), Nuno Rodrigues (Coordenador de Programação **Programming Coordinator**), Patrícia Coelho (Assistente de Curadoria **Curatorial Assistant**), Patrícia Vaz (Coordenadora de Produção **Production Coordinator**), Paulo Coelho (Coordenador Técnico **Technical Coordinator**), Rui Braga (Frente de Casa e Relações Públicas **Front of House and Public Relations**), Sílvia Fernandes (Diretora Executiva **Executive Director**), Tiago Dias dos Santos (Coordenador de Comunicação e Edição **Communication and Editing Coordinator**), Vítor Rodrigues (Produtor Executivo **Executive Producer**), Yoan Teixeira (Assistente de Direção **Direction Assistant**).

## CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente **Mayor**  
Rui Moreira

## ÁGORA – CULTURA E DESPORTO DO PORTO, E.M., S.A.

Presidente do Conselho  
de Administração **Chairman**  
of the Board of Directors  
Catarina Araújo

Administradores Executivos  
**Executive Directors**  
César Navio, Ester Gomes da Silva

Secretariado da Administração  
**Secretariat**  
Liliana Gonçalves

**DPO**  
Filipa Faria

Direção de Gestão de Pessoas,  
Organização e Sistemas de  
Informação **Direction of People**  
**Management, Organisation and**  
**Information Systems**  
Sónia Cerqueira (Diretora **Director**)  
Cátia Ferreira, Elisabete Martins,  
Helena Vale, João Carvalhido,  
Jorge Ferreira, Madalena Peres,  
Paulo Cardoso, Paulo Moreira,  
Ricardo Faria, Ricardo Santos,  
Rui Duarte, Salomé Viterbo,  
Sandra Pinheiro, Susete Coutinho,  
Vânia Silva, Vera Dias

Direção de Serviços Jurídicos  
e de Contratação **Direction**  
of Legal Services and Contracting  
Leonor Mendes, Sofia Rebelo,  
Amanda Leite, André Cruz,  
Eunice Coelho, Francisca Mota,  
Pedro Caimoto, Luís Areias,  
Luís Brito, Manuel Teixeira,  
Márcia Teixeira, Marta Silva

Direção Financeira  
**Financial Direction**  
Rute Coutinho (Diretora **Director**)  
Alexandra Espírito Santo,  
Ana Paula Areias, Ana Rita  
Rodrigues, João Monteiro,  
Fernanda Reis, Manuela Roque,  
Mariana Vilela, Sandra Ferreira,  
Sérgio Sousa, Sónia Pinto

Direção de Comunicação  
e Imagem **Direction of**  
**Communication and Image**  
Bruno Malveira (Diretor **Director**)  
José Reis, Agostinho Ferraz,  
Catarina Madruga, Francisco  
Ferreira, Gina Macedo,  
Maria Bastos, Rosário Seródio,  
Pedro Sousa, Ricardo Alves,  
Rui Meireles, Rute Carvalho,  
Rute Fonseca

**GALERIA MUNICIPAL DO PORTO**  
Rua D. Manuel II  
Jardins do Palácio de Cristal  
4050-346 Porto

Entrada livre **Free entry**  
Ter – Dom **Tue – Sun**  
10h00 – 18h00  
Encerrado às segundas-feiras  
**Closed on Mondays**

+351 225 073 305  
galeriamunicipal@agoraporto.pt  
www.galeriamunicipaldoporto.pt  
@galeriamunicipaldoporto



P. Staff

Rodrigo Hernández

Sandra Mujinga

Outi Pieski

KEM

Osías Yanov

Ana Vaz

Luiz Roque

Ania Nowak

María Jerez

Joana Da Conceição

*Nave Geo-Celestial*

**GALERIA  
MUNICIPAL  
DO PORTO**

**Porto.**